

CONTEXTO

Com uma história tão antiga quanto à própria ocupação da Capitania do Espírito Santo, a região de Conceição da Barra ou “Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio São Mateus” não tem data precisa da chegada dos primeiros colonizadores, ainda no século XVI.

O rio que ali passa era conhecido pelos índios da região como Cricaré, e posteriormente foi batizado pelos portugueses de Rio São Mateus. É ele que dá o nome ao fatídico conflito conhecido como “Batalha do Cricaré”, ocorrido em maio de 1558, relatado no poema épico do Pe. Anchieta: “*De Gestis Mendi Saa*”, sendo esse o registro mais antigo que se tem do local.

Segundo Levy Rocha, em seu livro *De Vasco Coutinho aos Contemporâneos*¹, há relatos de que, ao tentar socorrer os colonos da Capitania do Espírito Santo (que sofriam ataque dos indígenas em Vila Velha), o desbravador Fernão de Sá erroneamente havia adentrado a foz do Rio Cricaré e ali combatido os silvícolas locais. Derrotado e morto pelos índios foi, posteriormente, vingado por seu pai - Mem de Sá - que, munido de mais homens e armas, dizimou a população silvícola da região do Rio São Mateus.

Certo é que a região foi amplamente explorada nos primeiros anos, embora tenhamos notícias de diversos viajantes em expedições de prospecção da costa. Em seu livro *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, o viajante Gabriel Soares de Sousa assim descreve essa região da costa da Capitania:

D'este rio de Mocuripe ao de **Cricaré** são dez léguas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até **Cricaré** norte sul, e toma da quarta nordeste sudoeste; o qual rio Mocuripe está em dezoito grãos e três quartos; pelo qual entram navios de honesto porto, e é muito capaz para se poder povoar, por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se podem fazer engenhos de assucar, por se metterem n'elle muitas ribeiras de água, boas para elles. Este rio vem da muito longe, e navega-se quatro ou cinco léguas por elle acima; o qual tem na barra, da banda do sul quatro abertas, uma légua, e mais uma da outra, as quaes estão na terra firme por cima da costa, que é baixa e sem arvoredos, e de campinas. E quem vem do mar em fora parecem-lhe estas abertas bocas de rios, por onde a terra é boa de conhecer.²

Bom século se passará até que novamente os historiadores façam citações significativas quanto ao crescimento e colonização da região da Barra do Rio Cricaré.

O historiador Eliezer Nardoto em seu livro *História de São Mateus*³ relata que, em 1716, Domingos Antunes recebeu a patente de Capitão dos Moradores e Antônio da Rocha Cardoso o cargo de Juiz Vintenário da região de São Mateus. Cita ainda que o Capitão Mor da Capitania do Espírito Santo, a partir de então, incentivou largamente a povoação da região.

Novamente Levy Rocha, agora no livro *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*, relata o surgimento do vilarejo da Barra, embora não cite a fonte utilizada para tal informação: “*Na barra do rio São Mateus havia uma povoação com umas vinte e cinco casas. Fôra iniciada, em 1725, por dois ou três foragidos da justiça. Ao alcançá-la, os viajantes ficaram alojados numa venda*”.⁴

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

A partir do início do século XIX as fontes acerca da região passam a ser mais volumosas e conseguimos delimitar melhor as características da localidade de Barra do São Mateus e a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

¹ ROCHA, 1977, Pág. 29-30.

² SOUSA, 1971, Pág. 87.

³ NARDOTO, 1999, Pág. 32.

⁴ ROCHA, 1971, Pág. 54.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO, EM FONTES PRIMÁRIAS E TERCIÁRIAS, REFERENTES À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO RIO SÃO MATEUS - ES

O primeiro, e talvez o mais importante, a determinar a data de construção da Igreja Matriz de Conceição da Barra foi o governador da Capitania do Espírito Santo - Francisco Alberto Rubim. Em seu relatório biográfico denominado *Memória Estatística da Província do Espírito Santo no ano de 1817*, publicado pelo IHGB, o Governador Rubim menciona a construção da igreja da Vila da Barra: – “1812 – Edifica-se a igreja da vila da Barra”⁵. Rubim menciona ainda, em outro momento, que “a vila de São Mateus possuía [em 1817] a capela não curada⁶ de Nossa Senhora da Conceição”.

Para complementar as informações prestadas pelo Governador da Província (responsável pelos pagamentos das despesas das freguesias) temos ainda o relato do Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho (responsável pela autorização da instalação e funcionamento das paróquias), que visitou o Espírito Santo, em 1812 e 1819 e descreve suas impressões em seu livro *O Espírito Santo em princípios do século XIX: Apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à Capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819*. O Bispo da Diocese do Rio de Janeiro vem trazer a situação da região pelo ponto de vista da administração eclesial, conforme a transcrição abaixo:

Esta barra [Barra de São Mateus] é de areia, e mudável; agora estava no rumo de leste fazendo uma abertura quase no meio do recife ou cordão de areia que corre norte sul meia légua ao mar defronte do rio. Não há um só montinho nos pontais ou no interior que possa servir de baliza, o que se remedeia com um mastro arvorado no pontal do norte, e uma catraia, embandeirada, em que sai o patrão do porto. A costa para o sul do deserto do rio Doce pareceu-me que se encolhia um pouco para o sudoeste. Esta povoação da Barra pareceu-me ter mais de duzentas almas de todas as castas, das quais não cura, nem pode curar, o pároco da vila; **mas não tinha nem sequer um oratório, em que se dissesse missa**. Deixei uma provisão para um em casa do vintanário, Manoel de Barros, somente por dois anos, **com condição de edificarem a capela, que tinha delineado o visitador Menezes, e que eu marquei um pouco mais para dentro do combro do mar, e mais para o norte**, e dei algumas providências; por onde espero que se acabe nos ditos dois anos, para o que deixei logo faculdade para a benzer o vigário da vara, e prometi de lhe pôr então imediatamente um capelão curado [permanente], que não terá menos de quinhentas almas, contando a povoação de índios do rio de Santa Ana, ou São Domingos, uma légua da barra, e outros moradores das margens do rio de São Mateus até três léguas no sítio do Bulhões. Andei a ditas 13 léguas no dia 16 de novembro, em que dormi na povoação da Barra, hospedado tal e qual pelo capitão-mor, Domingos Gomes Amorim, galego esperto e velho de Vila do Conde.⁷

Vale ressaltar que o Bispo Coutinho visitou o Espírito Santo em dois momentos, como apontam os relatos. A organizadora Maria Clara Santos Neves menciona que o Bispo Coutinho visitou Conceição da Barra apenas em 1819, não o fazendo em 1812. Então, se levarmos em consideração essa descrição, concluiremos que não havia qualquer espaço litúrgico no local até esse mesmo ano de 1819, informação que vem de encontro às demais fontes, que informam a construção da igreja em 1812.

Mas, se levarmos em consideração que o Bispo Coutinho tenha feito ao menos anotações sobre a região em 1812, e que essas anotações foram misturadas às de 1819, podemos ver que de fato o Bispo autorizou a construção da Capela e o Governador Rubim a executou, nesse ano de 1812.

Optamos por acreditar no engano do ano de registro e creditar a construção da capela da Barra ao ano de 1812, como reforçam os autores: Dom João Nery (1901), Adwalter Carnielli (2006), Almerinda Lopes (1997) e Eliezer Nardoto (2012), apenas para citar alguns.

⁵ RUBIM, 1856, Pág. 345.

⁶ Capela Curada corresponde ao estágio anterior à criação da freguesia (estrutura civil) ou paróquia (estrutura eclesial)

⁷ COUTINHO, 2002, Pág. 57-58.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO, EM FONTES PRIMÁRIAS E TERCIÁRIAS, REFERENTES À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO RIO SÃO MATEUS - ES

Infelizmente nenhum autor relata as características e proporções que recebeu esse edifício primitivo – se já tinha grandes dimensões ou era uma módica estrutura apenas para abrigar o culto público. Temos apenas uma citação do relatório de 1861, do Presidente Costa Pereira, extraído do livro de Basílio Daemon *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*, que relata as características originais da Capela: “Serve-lhe de matriz uma pequena capela, com paredes de taipa. Principiou-se um templo maior e mais sólido que infelizmente ainda exige grande dispêndio para que seja acabado”.⁸

Fato é que já havia uma capela curada quando foi elevada à condição de Igreja Matriz, por decreto de 11 de Agosto de 1831, criando-se assim a paróquia (no âmbito eclesial) de Nossa Senhora da Conceição da Barra de São Mateus. E, posteriormente, a resolução do Conselho do Governo de 2 de Abril de 1833, deu-lhe o predicamento de vila (no âmbito do estado) tendo por limites os rios Preto e Santana, ao norte o rio Mucuri e ao sul o território da hoje vila de Linhares.⁹

A vila recém criada possuía pouco mais de duas dúzias de casas. Quem nos dá um panorama da região que compreendia a Paróquia, um pouco antes, em 1827, é o escritor Ignácio Accioli de Vasconcelos em seu livro *Memória Estatística da Província do Espírito Santo*, publicado em 1978. Segundo consta,

Esta vila [de São Mateus] contém as povoações [da barra do São Mateus] e da barra de Santa Ana; a primeira situada à esquerda da barra do mesmo Rio São Mateus e contém 444 almas, 02 lojas de fazendas secas, 03 de molhados e 56 fogos; a segunda situada à margem esquerda do Rio Santa Ana que deságua em São Mateus e contém 168 almas, nenhuma loja de fazendas secas, uma de molhados, 28 fogos, N.B. desde Rio Doce até São Mateus está despovoado.¹⁰

Por sua vez, o Relatório do Presidente de Província do ano de 1839, traz as seguintes informações:

Pelo presente quadro se colige que a população da Província montava, em 1827 a 35.353 habitantes. Em 1833 a 27.916 habitantes. Em 1839 a 26.080 habitantes.¹¹

Município	Ano	População
São Mateus	1827	5.313
	1833	4.350
	1839	2.680
Barra de São Mateus	1827	--
	1833	1.279
	1839	1.222

Quanto à construção do edifício que conhecemos hoje, o pároco local Manoel dos Santos Pereira, em 1834, dois anos após a criação da Freguesia inicia uma longa sequência de cartas e ofícios reivindicando a melhoria, ou melhor, a “reconstrução” da Igreja Matriz da Barra.

⁸ DAEMON, 2010, Pág. 411.

⁹ DAEMON, 2010, Pág. 332.

¹⁰ VASCONCELLOS, 1978, Pág. i.

¹¹ ESPÍRITO SANTO, 1839, Pág. 18.

Muitas são as fontes oficiais (Governo da Província/Paróquia) que tratam da reforma da Matriz. Várias delas se encontram na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹² e os Relatórios de Presidentes de Província, publicados em livros ou impressos nos jornais da época, são os mais importantes.

Outra fonte (pertencente à Série Accioly, do Fundo Governadoria, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo) são os documentos manuscritos transcritos dos livros nº 187 e nº 189 nominados: “*Conceição da Barra (antigo Barra de São Matheus) - Assuntos eclesiásticos e outros*”¹³.

Transcrevemos abaixo os principais trechos das reclamações do pároco quanto à precariedade da paróquia:

Livro 189 - **Ano 1834** - Página 92 – “a minha freguesia é tão pobre de alfaias, que lhe apresente não pode ir o Viático aos enfermos”;

Livro 187 - **Ano 1844** - Páginas 23-24 – “a Igreja Matriz se acha precisada de conserto há treze anos... as obras de que mais carece, é o soalho do corpo da igreja, uma parede, algumas portas, um sino, um ferro de fazer hóstias e conserto no cemitério”;

Relatório – **Ano 1847** – Páginas 17-18 – “que os reparos mais urgentes de que necessita a sua igreja são: a reforma de uma parede, o concerto do assoalho, do telhado e de algumas portas, além de duas alvas para o culto divino”;

Livro 187 - **Ano 1848** - Página 45 – “reparo do assoalho do corpo da Igreja e várias portas”;

Livro 187 - **Ano 1848** - Páginas 46-49 – “o dinheiro que existia pertencente a Fabrica desde que tinha tomado posse de fabriqueiro, em 15 de março de 1841, era a quantia de quatorze mil e oitenta, a qual se achava aplicada para reparo do oitão da Igreja da parte do norte (...) respondeu que não tinha dinheiro porque o havia gastado com o conserto da torre”;

Livro 187 - **Ano 1850** - Página 66 – “ainda não tive resposta se foram ou não entregues e olhados para o deplorável estado a que está reduzida esta Matriz... E como me acho autorizado em portaria de 18 de novembro de 1847, do Excelentíssimo Ilustríssimo Presidente Luiz Pereira do Couto Ferraz, e mandando-me dar 50 mil réis pela mesa de rendas e 50 mil réis pela fábrica empreguei em cal e pedra”;

Relatório – Ano 1852 – Página 33-34 – “Estão em construção as Matrizes da Cidade de São Mateus e Vila da Barra...”.

Nota-se pela cronologia dos relatos que as obras na Igreja Matriz começaram por volta de 1851 ou 1852.

Para essas melhorias a Assembleia Provincial havia autorizado, em 1848, a Câmara Municipal da Vila da Barra do São Mateus a cobrar um por cento sobre todos os gêneros de cultura exportados, para aplicar na edificação da igreja matriz.

CONSTRUÇÃO DA MATRIZ

A partir de então as mesmas fontes citadas acima dão conta do andamento das reformas da igreja, que, segundo observamos nos manuscritos, se encerraram por volta do ano de 1866

¹² <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

¹³ APEES, Fundo Governadoria, Série Accioly, Livro 187-189.

ou 1867. Conforme as referências abaixo:

Relatório – **Ano 1853** – Página 23 – “ela é edificada de pedra e cal, com cinquenta palmos de comprimento [10,16m.] e trinta e seis de largura [7,31m.], e trinta de altura [6,09m.] e que se acha assoalhada e com telhado, faltando a cimalha, reboque e portas, que se deu principio à torre com dimensões para nela assentar a pia batismal, por não haver no corpo da igreja lugar para ela, que se acha feito o alicerce da sacristia, e não principiou a capela mor, sendo gasto desde o começo da obra, em 1851, até dezembro de 1852 a quantia de 2:431\$500”;

Livro 187 - **Ano 1855** - Página 86 – “apenas consta da parede da frente e das duas dos lados da parte a que se chama corpo da Igreja, faltando ainda nelas o competente reboco na parte externa, achando-se, porém, em estado imperfeito e todo cheio de goteiras o telhado, ou por falta de pedreiros previstos ou porque meu fornecedor, encarregado está dessa obra, mandasse cobrir a Igreja com um ponto muito alto, ou com ponto de casa de palha como se costumava dizer, ao que me parece, que se deve atribuir o defeito do telhado: está, porém adiantada a obra da torre, que pouco falta para concluir-se, mas nada há de capela-mor, sacristia e consistório, do qual só se principiaram os alicerces”;

Relatório – **Ano 1855** – Página 32-33 – “tem as paredes do corpo da igreja já prontas e o competente telhado, bem como parte da torre. Tendo sido ajustada por empreitada quase toda a restante obra de pedreiro, relativa à capela mor e sacristia”;

Relatório – **Ano 1857** - Página 97 – “há na obra da Igreja uma só diferença, para melhor, que é o estar hoje o serviço da torre já pronto e concluído e o ter hoje a Igreja um sino sofrível para o que concorreu a esmola de um devoto”;

Relatório – **Ano 1857** – Página 10 – “As obras desta matriz não tiveram andamento durante o ano próximo passado porque, diz a comissão, nesse tempo tratou de juntar numerário para poder satisfazer as prestações”;

Relatório – **Ano 1858** - Página 105 – “por achar-se a capela-mor quase finda”;

Relatório – **Ano 1861** – Página 35 – “A matriz começada há poucos anos ainda não está concluída, mas coberta e ao abrigo das chuvas”;

Relatório – **Ano 1862** – Página 26 – “Os trabalhos prosseguiram e presentemente acham-se quase concluídos. Faltam apenas a pintura e douramento dos altares”;

Relatório – **Ano 1866** – Página 02 – “Ainda não se concluíram as obras da Igreja Matriz desta freguesia, sendo necessários altares laterais e forros para a sacristia. No altar mor não existe banquetas nem castiçais, e é necessária a quantia de 200\$000rs para esses objetos, bem como a de 50\$000rs para a compra de uma pia”;

Relatório – **Ano 1866** – Página 31 – “O estado da Matriz desta freguesia é satisfatório pelo seu ornato e decência, ressentindo-se, porém, da falta de paramentos”.

Nenhuma fonte consegue precisar o momento exato da conclusão das obras da matriz. O que percebemos é o fim das constantes solicitações de recursos para as obras do edifício e a continuação das reclamações quanto à precariedade das alfaias e paramentos religiosos.

Rita de Cássia Bobbio Lima, em seu livro *Relatos e retratos de Conceição da Barra*, nos dá uma nova perspectiva da construção da igreja:

Sua construção foi feita com pedras de piçarra. Essas pedras vinham, em sua

LEVANTAMENTO HISTÓRICO, EM FONTES PRIMÁRIAS E TERCIÁRIAS, REFERENTES À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO RIO SÃO MATEUS - ES

maioria, nos barcos que saíam vazios da Bahia para carregar farinha de mandioca e outros cereais, no porto da vila da Barra de São Mateus. Para facilitar a vinda desses barcos e suas manobras, frente aos ventos em alto mar, enchiam-nos de pedras, descarregando-as depois no porto para recarregar com outras mercadorias. Outras pedras, no entanto, vieram das Campinias [região de Conceição da Barra].

Alguns moradores lembram que Viturino, um velho escravo, ajudou a carregar muita pedra para a construção da igreja. Outros, no entanto, negam esse fato. Segundo Paulo Benevides:

... quando Mané Padeiro [Manoel Romão?], que era fabricante da Igreja (tomava conta) mudou o sino porque estava trincado, no corrimão de madeira que segurava o sino tinha entalhado o ano de 1712, em algarismos romanos.

... na fala de Seu Zé Cobra:

Eu conheci Conceição da Barra assim: Tinha a igreja com um pé de espirradeira na frente. Não tinha aquele pé de figo ainda não. Do lado da igreja já tinha o coreto, baixinho, encostado no chão, onde a banda tocava na época. Isso lá pelos anos de 26. Um dos homens que ajudou a carregar pedra para a igreja chamava-se Viturino. Foi escravo. Eu era criança e brincava muito com os filhos dele, que me conferenciava muita coisa. Mas nós tinha medo do Viturino. Ele já beirava seus noventa anos nessa época. Em frente à igreja tinha um terreno baldio, onde o velho Pereira estendia sua rede de arrasto. Nessa mesma rua tinha três pés de árvore: um “flamboá” uma castanheira e um pé de “eucalips”, desse liso. Atrás da igreja tinha o cemitério e o resto era tudo mata. Ali a gente pegava muita maitaca, periquito, sabiá, tucano ... tudo quanto é tipo de passarinho. E só existia quatro ruas: rua Grande, que é essa que pega da igreja até o casarão do Castro; rua da Praia, que só tinha casa de palha; rua do Canto ou Mundo Novo, que Seu Cunha chamava de Flor do Mundo Novo e a rua do Comércio.¹⁴

A Matriz ganhou o partido arquitetônico que conhecemos hoje após esses 15 anos de construção, e as reformas que vieram a seguir muito pouco acrescentaram à volumetria da igreja, como veremos posteriormente. Para finalizar a descrição dessa etapa construtiva segue abaixo as características arquitetônicas relatadas pela professora Almerinda Lopes, com destaque para a citação das características da Imagem do Orago – Nossa Senhora da Conceição – que se encontra no nicho edificado no frontispício do edifício.

A Matriz... Possui torre sineira única, com cobertura em bulbo, conservando ainda o sino original, frontão recortado à maneira barroco-rococó, duas janelas do coro entre as quais há um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, orago da Igreja. do século XIX, em madeira, de bom tamanho e fatura. O retábulo do altar-mor e dois nichos laterais, apesar de possuírem talha e douramento bastante simples, situam-se entre os exemplares mais originais do Estado que chegaram aos nossos dias. O teto, em madeira, parece ter sido pintado no passado.¹⁵

Com o início do século XX novos relatos serão escritos e a visita pastoral, em agosto de 1900, do primeiro bispo da Diocese do Espírito Santo vale ser mencionada pelos detalhes. O Bispo João Batista Corrêa Nery reforça a data da construção da igreja, em 1812, e descreve tanto a edificação quanto a freguesia e seus moradores. Nessa época, Conceição da Barra possuía “seis ruas, quatro travessas e duas praças”.

¹⁴ LIMA, 1995, Pág. 29-30.

¹⁵ LOPES, 1997, Pág. 30.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO, EM FONTES PRIMÁRIAS E TERCIÁRIAS, REFERENTES À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO RIO SÃO MATEUS - ES

Quase sempre está esta freguesia anexa á de São Matheus, por não poder sustentar um vigário próprio... Na praça principal está a matriz que possui três altares: o da Conceição, o da Assumpção e o de São Sebastião. Tem o corpo da igreja 11m 50cm de comprimento e 7m 50 cm de largura; a sacristia 10 m de comprimento e 3m 80cm de largura...

Fizemos nesta freguesia as seguintes recomendações: que se adquirisse sacras para o altar mor, galhetas e um tapete que cobrisse os degraus do mesmo altar e estrado; que se fechasse a chave o batistério e ai se colocasse um quadro do Batismo de J. Cristo; que fosse dourados e novamente sagrados dois cálices que possui a matriz; que se substituísse o vidro do ostensório; que se reformasse alguns paramentos e se fizessem um de uma só cor os de duas cores especialmente o roxo-verde.¹⁶

REFORMAS E INTERVENÇÕES

A partir desse ponto a principal fonte de informação que utilizaremos será o texto de Padre Carlo Furbetta: *Presença dos Combonianos em Conceição da Barra*¹⁷ texto mimeografado¹⁸ escrito por volta de 1983, para as comemorações dos 40 anos da instalação da Congregação Comboniana na Diocese de São Mateus e complementado, pelo próprio autor, em 1992. Padre Furbetta se baseou nos registros do Livro Tombo da Paróquia de São Mateus e no Tombo da Paróquia de Conceição da Barra, embora esse último tenha a datação da segunda metade do século XX.

Padre Furbetta cita que, desde 1905, a paróquia não possuía pároco residente – “*A juízo dos padres que passaram pela cidade, a vida religiosa está muito decaída. Os próprios fiéis sabem disto e falam com muito sentimento*”.

Acreditamos que a região fosse atendida pelo religioso regular de São Mateus e, com meio século de instabilidade, até a chegada do novo padre, imaginamos que não só a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição tenha sido bastante negligenciada, como também, o próprio edifício da Igreja Matriz. Como exemplo podemos citar que, até essa época nem a casa canônica nem a própria Matriz possuíam escritura.

Em 1955 a Paróquia foi entregue a Congregação dos Combonianos e a comunidade se reuniu para preparar a Matriz, com intuito de melhor recepcionar o novo padre.

Já dissemos que sua construção se perdia na memória dos mais antigos moradores... Ninguém sabia dizer ao certo quando fora construída, nem existiam documentos a respeito. Só havia sinais e lembranças de que passara por várias etapas... A julgar da diversa espessura das paredes parece que a parte mais antiga devia ser aquela que compreendia o altar até o arco mor, que nas antigas igrejas coloniais costumava dividir o espaço todo em dois. A parede leste era uma verdadeira muralha de 80 cm de espessura...

A necessidade da reforma se evidenciou por dois motivos fundamentais:

1. para consertar os estragos devidos à usura do tempo e ao longo abandono;
2. para ganhar a maior disponibilidade de espaço possível.

O Pe. Milesi convocou diversas reuniões com os membros da diretoria; estudou

¹⁶ NERY, 1901, Pág. 57-58.

¹⁷ FURBETTA, Sem Data, Sem Página.

¹⁸ Tivemos acesso apenas ao texto transcrito, cedido pelo pesquisador Eliezer Nardoto, perdendo-se assim as referencias de páginas.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO, EM FONTES PRIMÁRIAS E TERCIÁRIAS, REFERENTES À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO RIO SÃO MATEUS - ES

com eles a planta velha e a planta da nova sistemção; examinaram juntos o estado da velha construção; fizeram o orçamento e... começaram a obra [em 1955].

As surpresas maiores ocorreram na hora de mexer no telhado e nas paredes... Casa velha parece que ainda aguenta em pé, mas na hora de retocar alguma coisa parece que tudo vem abaixo. Assim foi com a igreja da Barra.

Na hora da reconstrução apareceu que as paredes oeste e norte estavam perigosamente fora de prumo. Precisou refazê-las em parte e amarrar tudo com bem 75 metros corridos de vigas. O telhado foi preciso substituí-lo por completo, reformando-lhe também todo o engradamento.

Quanto à nova disposição para ganhar espaço desimpediram a nave retirando o enorme altar de N. Sra Auxiliadora, que estava rente à parede de esquerda, e sistemando-o à direita, dentro de uma capela lateral anteriormente só ocupada por uma enorme escada de madeira que subia à cantoria [coro]. Retiraram essa escada e derrubaram a velha cantoria também de madeira [com guarda-corpo em grades de madeira] e substituíram-na por outra de cimento armado.

Nas paredes laterais e da fachada abriram oito janelas para aumentar ar e luz [nesse processo foram substituídos os modelos das esquadrias].

Por fim recuaram o altar mor até a ábside para aumentar mais ainda o espaço disponível.¹⁹

O sacrário que vemos hoje é tão antigo quanto o próprio altar. Porém, na mesma época em que o altar foi recuado e posicionado rente a parede norte, o sacrário foi substituído por outro de metal. Depois de algum tempo o sacrário de madeira retornou ao seu lugar de origem.

A mesa de altar (com a pedra d'ara) ficava posicionada rente ao retábulo, durante a época em que o sacerdote celebrava a missa voltado para o sacrário. Com o advento do Concílio Vaticano II a mesa foi trazida para frente e, para ganhar mais espaço, se acrescentou uma peça maciça (não fixa), de granito em cor um pouco mais escura que o piso de granito.

As entrevistas concedidas para a realização desse histórico citam sempre a participação do Dr. Mário Vello Silves (médico, membro da Diretoria da Congregação Mariana e prefeito) como benfeitor da grande reforma da década de 50. Segundo um dos depoimentos, de José Agnelo Carletto²⁰, por ser proprietário da Serraria CIMBARRA foi o próprio Dr. Silves quem doou o madeiramento do telhado, todo construído em peroba, madeira de lei de longa durabilidade.

Por sua vez o fôro (em madeira peroba) foi elevado, para a melhoria da acústica da igreja. Percebe-se, pelas marcações na parede, que o mesmo foi todo deslocado de 50 cm à um metro para cima da marcação original. Elevou-se o fôro e distanciou-se os frisos (que ficavam rente do altar principal) dos ornamentos do retábulo.

Esse fôro primitivo, segundo relatos, possuía pinturas com desenhos de rosáceas e anjos e, era ornado com dois lustres de cristal que foram substituídos por lustres de madeira. Lustres de madeira doados por "Ada", sobrinha de Dona Madel Machado do Nascimento.

Com a saída precoce de Padre Vito Milesi, em 1957, apenas um ano após sua chegada, fomentou-se o total descontentamento da comunidade, que havia se empenhado nos preparativos para a recepção do mesmo. As obras da Matriz foram paralizadas e o descontentamento geral se materializou nas atividades do cotidianos da Paróquia e na hostilidade aberta ao seu sucessor.

¹⁹ FURBETTA, Sem Data, Sem Página.

²⁰ Entrevista concedida em 04/09/2016, por José Agnelo Carletto, 74 anos.

Um dos relatos de conflito diz respeito ao Altar de São Benedito, que havia sido retirado do corpo da Igreja para aumentar o espaço celebrativo. Lembremos que o Altar de Nossa Senhora Auxiliadora ganhou nicho próprio na lateral direita do templo, porém o Altar de São Benedito foi apenas removido da nave e não sabia-se da sua destinação.

A data precisa do ocorrido não está presente no texto, mas imaginamos ter sido durante a administração do padre Francisco Aletti, entre 1958 e 1962. Assim descreve o livro *Presença Comboniana em Conceição da Barra*:

Existiam numa casa velha, debaixo da poeira, teias de aranhas e goteiras, os restos de um altar velho de São Benedito. Aliás, o cupim já tinha roído muitas peças e outras tinham sumido nas casas de fulano ou de sicrano; e, além disso, precisava pagar o aluguel da velha casa. Apareceu um comprador do Rio [de Janeiro] e o vigário, cientes os fabriqueiros, fechou negócio por 10 contos. Na hora, porém de carregar o traste no caminhão que devia levá-lo para o Rio, alguns acharam que aquilo era abuso do vigário e o denunciaram ao juiz. O meritíssimo chamou o padre para esclarecer e buscar uma solução pacífica do caso. Então o vigário explicou:

- 1) Estava de posse de uma carta da cúria Diocesana proibindo restaurar tais altares dentro da igreja;
- 2) Dito altar estava-se esfarelado na velha casa.
- 3) Fazendo uso de sua autoridade normal fechou negócio com o homem do Rio.
- 4) Se alguém tinha algo a reclamar, era com os Superiores Eclesiásticos e não com o meritíssimo.

O juiz partiu para solução salomônica: mandou o comprador assinar documento com que se comprometia a enviar orçamento da reforma do altar, e o povo da Barra enviaria o dinheiro caso concordasse com a reforma.²¹

Outra peculiaridade presente no livro de Padre Furbetta, transcrito do Livro Tombo da Paróquia, cita a comoção causada pela morte do prefeito Mário Vello Silveiras, em 1964, e menciona a doação feita por ele de todos os novos bancos (em madeira macanaíba), bocas e microfones para os alto-falantes da Matriz.

Após esse período, durante a gestão de padre Franco Gasparini em 1966, o que houve de notável foi a pintura da Igreja e a abertura da parede lateral direita e a extinção da antiga sacristia, para abrigar mais bancos e aumentar o espaço da assembleia.

Há muito os fiéis reclamavam da falta de espaço para receber mais devotos e a solução encontrada foi a abertura, em arcos, da parede lateral da capela mor. Nessa dinâmica a sacristia foi deslocada para um pequeno espaço, contíguo ao Altar de N. S. Auxiliadora (onde permanece até hoje), e a pequena sala da sacristia foi aberta para a lateral do altar principal (onde hoje está a imagem de São José).

Padre Furbetta relata ainda que, em novembro de 1979, a comunidade estava em campanha para arrecadar recursos para a pintura da Igreja (na cor amarela que vemos em algumas fotos). E, em 08 dezembro do mesmo ano, durante a missa de festejos a Padroeira, o Bispo Diocesano elogiava a comunidade por ter conseguido arrecadar todo o dinheiro necessário para a obra, sem que fosse necessário recursos públicos.

Infelizmente, foi nessa obra que se pintou todo o retábulo do altar principal, com tinta acrílica dourada, e se cobriu o acabamento anterior, em técnica de douramento com folhas de

²¹ FURBETTA, Sem Data, Sem Página.

ouro.

Na grande reforma iniciada entre os anos de 1976 e 1981 [pelo Padre Noé Tamai?] apoiado pelo senhor José Agnelo Carletto, o telhado (de telha francesa) que estava bastante deteriorado foi totalmente substituído por telhas tipo colonial, sem que tenha sido necessário substituir o madeiramento ou alterar o engradamento, por apresentar boas condições.

Quanto ao fôro sobre o coro na parte fontral da nave, durante a reforma do telhado os construtores tiveram que substituir os frisos de madeira (próximo à torre e sua extremidade oposta), devido aos escrementos de morcego que se acumularam logo abaixo do engradamento do telhado. José Agnelo afirma que os frisos de peroba foram substituídos por madeira inferior, mas de qualidade.

Nessa época já não existiam os lustres (nem de cristal nem de madeira). O que iluminava a nave eram lâmpadas fluorescentes tubular de calha. Essas foram substituídas por lâmpadas incandescentes, penduradas pela própria fiação, a partir de orifícios feitos no fôro. José Agnelo também substituiu toda a fiação elétrica sobre o fôro da nave.²²

O Livro *Presença Comboniana em Conceição da Barra* relata, enfim, um panorama das capelas da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em 1990:

... a capela do Linharinho, pobre e pequena mas cheia de povo; aquela da Cohab, ainda sem piso; N. Sra. da Penha que gosta de cantar; Roda D'água, cercada de eucaliptos; a de São Pedro que está do outro lado do rio e aonde o padre vai de barco; e, finalmente aquela de São Francisco, no trevo BR 101 - Conceição da Barra, que acaba de ser reformada pela Aracruz Florestal.

Em data imprecisa (nos últimos 20 anos) Dona Madel Machado do Nascimento negociou a substituição do piso do altar, em granito polido, com o proprietário de uma marmoraria de Linhares - Sr. Caon -, que ficou responsável por dar o aspecto e dimensões ao altar que observamos hoje. O piso primitivo da nave em ladrilho hidráulico foi substituído por piso cerâmico cinza.

Recentemente, sem precisão de data, enquanto Dona Madel estava à frente da manutenção da igreja, esta foi responsável pela instalação das pedras do barramento na parte externa da igreja. Segundo ela, por conta do excesso de umidade da região, o reboco simples não se fixava por muito tempo e... primeiro descolava a pintura... depois caía o reboco. A solução dada foi a aplicação do barramento em pedras que temos hoje.

Finalmente, os quadros da Via Sacra que temos penduradas na paredes da nave foram doadas por Nicola Lomonte, do município de Castelo, e retocadas recentemente por Dona Madel.²³

Santos mencionados pelos entrevistados:

1. Nossa Senhora da Conceição pequena – em madeira - no altar principal;
2. Nossa Senhora da Conceição grande – em madeira - no nicho da Fachada;
3. Sagrado Coração de Jesus – em gesso - altar principal lado esquerdo. Recentemente, durante a gestão de Padre Egídio, essa imagem caiu de seu nicho, se quebrando em muitos pedaços, e foi “restaurada” por dona Madel;
4. São José - altar principal lado direito;
5. São Sebastião - altar principal lado direito;

²² Entrevista concedida em 04/09/2016, por José Agnelo Carletto, 74 anos.

²³ Entrevista concedida em 28/08/2016, por Madel Machado do Nascimento, 80 anos.

6. Nossa Senhora da Boa Morte – em madeira - sob a torre. Imagem de procissão;
7. Nossa Senhora Auxiliadora - altar lateral;
8. São Vicente – em gesso. Na casa de Dona Madel para restauração;
9. Nosso Senhor Morto – em madeira - altar lateral;
10. Santo Expedito - altar lateral;
11. Nossa Senhora das Dores – em madeira - imagem de roca com busto completo e saia em armação de madeira. Enviada para Vitória voltou com corpo inteiriço de madeira.
12. São Benedito, devolvido à uma família de Vitória, que havia doado a imagem para a igreja.

BIBLIOGRAFIA

Entrevista concedida em 04/09/2016, por José Agnelo Carletto, 74 anos.

Entrevista concedida em 28/08/2016, por Madel Machado do Nascimento, 80 anos.

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

APEES, Fundo Governadoria, Série Accioly, Livro nº 187; nº 189.

ESPÍRITO SANTO. Relatório do Presidente da Província do Espírito Santo o Doutor Luiz Pedreira do Coutto Ferraz na abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 23 de maio de 1847. RJ Tipografia do Diário de N.L. Vianna, 1848.

ESPÍRITO SANTO. Relatório que o Exmo. Presidente da Província do Espírito Santo o bacharel José Bonifácio Nascentes d'Azambuja dirigiu à Assembleia Legislativa da mesma província na sessão ordinária de 24 de maio de 1852. Vitória, Tipografia Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1852.

ESPÍRITO SANTO. Relatório que o Exmo. Sr. Presidente da província do Espírito Santo o Dr. Evaristo Ladislau e Silva dirigiu à Assembleia Legislativa da mesma Província na sessão ordinária de 23 de maio de 1853. Vitória, Tipografia Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1853.

ESPÍRITO SANTO. Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes presidente da província do Espírito Santo abriu a sessão ordinária da respectiva Assembleia Legislativa no dia vinte e cinco de maio do corrente ano. Vitória, Tipografia Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1855.

ESPÍRITO SANTO. Relatório que o Exmo. Sr. Barão de Itapemirim primeiro vice presidente da Província do Espírito Santo. Apresentou na abertura de Assembleia Legislativa Proncincial no dia 25 de maio de 1857. Vitória, Tipografia Capitaniense de P.A. de Azeredo, 1857.

ESPÍRITO SANTO. Presidente Lima e Castro 22 de março de 1861.

ESPÍRITO SANTO. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo no dia da abertura da sessão ordinária de 1862 pelo presidente José Fernandes da Costa Pereira Junior. Vitória, Tipografia Capitaniense de Pedro Antonio D'Azeredo, 1862.

ESPÍRITO SANTO. Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial no dia da abertura da sessão ordinária de 1866 pelo Presidente Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves. In.: Jornal da Vitória, 23 de junho de 1866,

CARNIELLI, Adwalter Antonio, Padre. História da Igreja Católica no Estado do Espírito Santo. 2ª edição, Vila Velha: Comunicação Impressa, 2006.

COUTINHO, José Caetano da Silva. O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. Vitória: Estação Capixaba e Cultural-ES, 2002.

DAEMON, Basílio. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística – 2.ed. – Vitória : APEES, 2010.

FURBETTA, Pe. Carlo. Presença Comboniana em Conceição da Barra. Ecoporanga: Paróquia São José Operário – Diocese de São Mateus

LIMA, Rita de Cássia Bobbio. Relatos e retratos de Conceição da Barra. Vitória: UFES-SPDC, 1995.

LOPES, Almerinda da Silva. Arte no Espírito Santo do Século XIX à Primeira República. Vitória: Ed. Do Autor, 1997.

NARDOTO, Eliezer Ortolani. História de São Mateus. São Mateus, ES: EDAL, 1999.

NARDOTO. Eliezer Ortolani. In Nomine Domini, 2012. São Mateus: Ed. Do Autor, 2012.

NERY, D. João Baptista Corrêa. CARTA PASTORAL DE D. JOÃO BAPTISTA CORRÊA NERY Despedindo-se da diocese do Espírito Santo seguida de algumas noticias sobre a mesma diocese. 1901. Typ. a Vapor da Casa Livro Azul. Campinas.

ROCHA, Levy. De Vasco Coutinho aos Contemporâneos, RJ, 1977.

ROCHA, Levy. Viajantes estrangeiros no Espírito Santo. RJ, Ebrasa. 1971.

RUBIM, Francisco Alberto; RUBIM, Braz da Costa. Memoria estatística da Província do Espírito Santo no ano de 1817. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, n.22, abr.1856, p. 161-348.

SOUSA, Gabriel Goares de. Tratado Descriptivo do Brasil em 1587. Obra de Gabriel Soares de Sousa. Rj. Typographia de João Ignacio da Silva. 1879.

VASCONCELLOS, Ignacio Accioli de. Memória Estatística da Província do Espírito Santo escrita no ano de 1828. Vitória, Arquivo Publico Estadual, 1978.

WIED, Maximilian, Prinz von. Viagem ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edit. Da Universidade de são Paulo, 1989.